

Líderes do PT dão apoio à proposta de pacto de Vicentinho

VANDA CÉLIA

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Vicente Paulo da Silva, o "Vicentinho", tornou-se a nova estrela do sindicalismo da CUT ao conduzir, em conversas em Brasília e São Paulo, uma proposta de negociação que, em lugar de priorizar o reajuste do fim do mês, considera essencial interesses maiores, como a conservação do emprego.

Na conversa que teve com o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, ele comoveu alguns dos presentes, ao perguntar: "O sr. vai deixar o ABC virar Detroit? Será que só um sindicalista vai ficar batendo de porta em porta em favor do emprego? Será que o governo não pode sentar, conversar e negociar?".

O ministro Marcílio comprometeu-se a ouvir Vicentinho, além de incentivar sua equipe a viabilizar a negociação com os sindicalistas.

Afinal, mais que o sindicalista, o ministro conhece a dura realidade de Detroit hoje. O número de operários lá caiu de 130 mil para 15 mil. A cidade norteamericana tinha um trem a cada minuto e hoje eles passam por lá apenas duas vezes por dia. E dos líderes políticos do Partido dos Trabalhadores,

contudo, que o sindicalista vem recebendo respaldo, além de conquistar espaço para defender pactos e negociações, apesar da oposição que ainda resiste em grande parte da CUT.

"O Vicentinho está fazendo a revisão do marxismo que hoje é uma referência, como outras", diz José Genoíno (SP), líder do PT na Câmara dos Deputados. Contundente na defesa de mais sociedade civil e menos Estado, Genoíno acha que há uma crise de todos os modelos. "O debate hoje é entre quem quer a renovação para entrar no século 21 e quem quer ficar no 19, porque o século 20 já passou", diz, apoiando integralmente a linha de Vicentinho: "Não trabalho mais com a idéia da destruição do Estado e nem das fábricas", garante José Genoíno.

Participação nos lucros

"O mundo começa a abandonar o cabo de guerra da luta de classes para introduzir o conceito complementar das diferenças sociais e elas só serão superadas se for reconhecida a possibilidade de entendimento", diz o deputado federal Paulo Delgado (PT-MG), professor de História e sociólogo. Segundo ele, a idéia da participação nos lucros e da co-responsabilidade capital/trabalho é superior à idéia tradicional da intransigência entre as partes.

Para Delgado, está rompido o mito de David e Golias porque quando ruiu o Leste Europeu, isso não aumentou o Primeiro, mas o Terceiro Mundo. Ou seja, caiu a ilusão da produção estatal e de que somente uma categoria social tem o monopólio da razão e da produtividade. O outro motivo da quebra do mito: o preço da remuneração do trabalho é alto para quem paga e baixo para quem recebe pela capacidade predatória do Estado. "É uma fraude a intermediação exclusiva do Estado na solução dos problemas sociais e o trabalhador perdeu a ilusão do Estado-patrão, do Estado-pai, do Estado-capataz e do Estado-irresponsável", diz.

O deputado José Cicote (PT-SP) é pragmático ao comentar o empenho de Vicentinho em favor do entendimento. "Não somos tão radicais como pintam. É só a carga tributária ficar menor que vai existir produção, existir emprego, salário e consumo", resume. O economista Aloisio Mercadante (PT-SP) acha que tudo isto será possível, se houver sensibilidade para que sindicalistas como Vicentinho tenham cada vez mais espaço e participação nas negociações.